



NAYARA APARECIDA CAPUTO DE OLIVEIRA

***SEX EDUCATION*: O EMPREGO DO PRONOME NEUTRO
NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO NÃO BINÁRIO**

**LAVRAS - MG
2022**

NAYARA APARECIDA CAPUTO DE OLIVEIRA

***SEX EDUCATION*: O EMPREGO DO PRONOME NEUTRO NA CONSTRUÇÃO
SOCIAL DO SUJEITO NÃO BINÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Letras (Licenciatura
Plena), para a obtenção do título de Licenciado.

Prof^a. Dr^a. Márcia Fonseca de Amorim
Orientadora

**LAVRAS - MG
2022**

NAYARA APARECIDA CAPUTO DE OLIVEIRA

***SEX EDUCATION*: O EMPREGO DO PRONOME NEUTRO NA CONSTRUÇÃO
SOCIAL DO SUJEITO NÃO BINÁRIO**

**SEX EDUCATION: THE USE OF THE NEUTRAL PRONOUN IN THE
SOCIAL CONSTRUCTION OF THE NON-BINARY SUBJECT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Letras (Licenciatura
Plena), para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADO em 26 de abril de 2022.

Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim - UFLA

Profa. Dra. Mauricéia Silva de Paula Vieira - UFLA

Profa. Camila da Silva Gomes - IFMG

Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim
Orientadora

**LAVRAS - MG
2022**

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim, pela orientação, carinho, atenção, pelos puxões de orelha necessários. Também por não me deixar desistir e me dar forças para continuar. Por acreditar em mim quando eu mesma descreditei.

Ao Prof. Dra Mauricéia Silva de Paula Vieira e a Profa Camila da Silva Gomes, por aceitarem o convite para compor a banca.

A todos os professores do curso de Letras da universidade e do Departamento de Estudos da Linguagem (DEL) que fizeram parte da minha trajetória acadêmica por todos esses anos.

Às minhas amigas que, desde o início da graduação, me acolheram e tornaram os dias mais leves. Em especial, aos meus queridos amigos Claudinei e Aline que sempre se fizeram presentes e que levarei para o resto da minha vida. Vocês têm um cantinho especial no meu coração.

Aos meus pais, Angélica e Antônio, e ao meu namorado, Alaff, por sempre me apoiarem, serem meu alicerce e estarem sempre comigo me apoiando.

À minha avó Inês, por sempre me dar conselhos valiosos; ao meu avô Antônio Caputo (+2020) que já está no céu e olha por mim de lá.

A mim, que mesmo lutando diariamente com a ansiedade, não deixei que ela tomasse conta de mim e consegui vencer mais uma batalha.

À Deus e à Nossa Senhora que me abençoaram para que eu pudesse chegar aonde cheguei.

RESUMO

A linguagem é o processo de interação mais eficaz utilizado pelos sujeitos. Nesse processo, os pronomes são essenciais para o modo como os sujeitos constroem referências de si e do outro, já que se referem a algo ou alguém no discurso. A comunidade LGBTQIA+, a fim de evitar rótulos, vem criando, por meio da linguagem popular, expressões próprias que englobam todos os seres. A série *Sex Educacion*, produzida pela plataforma *streaming* Netflix, foi utilizada neste estudo como base para uma análise de um fenômeno da vida contemporânea, o modo de se referenciar a sujeitos que se autointitulam não binários. O presente estudo, por meio da metodologia de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e tendo como referências a proposta teórica da Análise do Discurso, por meio dos estudos de autores como Benveniste (1958), Eni Orlandi (1994) e Foucault (2009), procurou elucidar como se dá a criação dos pronomes neutros e a possibilidade de integração destes nos dicionários e gramáticas da língua portuguesa. A partir da análise da representação social dos personagens que compõem a série, foram apresentadas discussões que permitiram concluir que a criação de pronomes neutros se justifica pela necessidade de representatividade de uma comunidade específica. No que se refere à integração da linguagem neutra aos dicionários e gramáticas da língua portuguesa, há a necessidade de atendimento a critérios semânticos, fonológicos e sintáticos, além de aspectos sociais e conservadores que dificultam a inserção dessa nova linguagem. Pretende-se que o presente estudo possa subsidiar a iniciativa de novas discussões, com enfoque em soluções para o problema apresentado.

Palavras-chave: Análise do discurso, identidade de gênero, não binarismo, LGBTQIA+.

ABSTRACT

Language is the most effective interaction process used by subjects. In this process, pronouns are essential for the way subjects construct references to themselves and the other, since they refer to something or someone in the discourse. The LGBTQIA+ community, in order to avoid labels, has been creating, through popular language, its own expressions that encompass all beings. The series *Sex Education*, produced by the streaming platform Netflix, was used in this study as a basis for a more contemporary analysis. The present study, through the methodology of qualitative bibliographic research and having as references the theoretical proposal of Discourse Analysis, through the studies of authors such as Benveniste (1958), Eni Orlandi (1994) and Foucault (2009), sought to elucidate how neutral pronouns are created and whether it is possible to integrate them into Portuguese dictionaries and grammars. From the analysis of the social representation of the characters that make up the series, discussions were presented that allowed us to conclude that the creation of neutral pronouns is justified by the need for representation of a specific community. With regard to the integration of neutral language into Portuguese dictionaries and grammars, there is a need to meet semantic, phonological and syntactic criteria, in addition to social and conservative aspects that make it difficult to insert this new language. It is intended that the present study can support the initiative of new discussions, focusing on solutions to the problem presented.

Keywords: Discourse analysis, gender identity, non binarism, LGBTQIA+.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Capa da série <i>Sex Educacion</i>	20
Figura 02 - Primeira repressão a Cal pelo mal uso do uniforme.....	21
Figura 03 - Cal recebe o uniforme "adequado"	22
Figura 04 - Momento da punição da diretora Hope em Cal.....	24
Figura 05 - Bandeira LGBTQIA+ e alguns pronomes neutros.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 As mudanças nas línguas humanas através do tempo	10
2.2 Sobre a linguagem	10
2.3 O discurso	12
2.3.1 Análise do discurso: uma perspectiva materialista	15
2.4 O pronome	17
3 ANÁLISE	19
3.1 Resumindo alguns episódios da série <i>Sex Education</i>	19
3.2 Gênero não binário	25
3.3 O personagem Cal	27
3.4 Analisando algumas falas dos personagens	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é o processo de interação mais eficaz a que o homem já se submeteu, além disso, ela nasceu com o homem, ou seja, está em sua natureza. Desse modo, “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a.” (BENVENISTE, p.285, 1958). Para que a interação seja possível, o indivíduo deve se posicionar como sujeito na fala, utilizando o pronome “eu” em seu discurso.

Os pronomes são muito importantes na linguagem, pois se referem a algo ou alguém no discurso. Como já dito, os seres humanos necessitam da linguagem para se comunicarem uns com os outros, por isso é importante que os sujeitos utilizem o diálogo como forma de se expressarem e apresentarem suas ideias. É a linguagem que permite a identificação do “outro”. Atualmente, os pronomes são limitados a dois grupos: o feminino e o masculino, ou seja, o pronome “ela” se refere a alguém do sexo feminino, e o pronome “ele” se refere a alguém do sexo masculino.

A esse fato, podemos observar que na língua, atualmente, não existem ou há poucos pronomes que englobam todos os seres sem ter a necessidade de inseri-los em um gênero específico. No entanto, a comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers¹, intersex, agêneros, assexuados e mais) está criando, por meio da linguagem popular, algumas expressões a fim de evitar os rótulos, como por exemplo, expressões que englobam todos os seres, o pronome neutro “elu”. Neste caso, foi utilizada a vogal “u” para a não marcação de gênero. Com isso, algumas questões podem ser levantadas: Como se dá a criação desses pronomes neutros? É possível que um dia eles passem a integrar dicionários e gramáticas da língua portuguesa?

Contudo, tendo em vista o fato de que o emprego dos pronomes pessoais não atendem à demanda de uma sociedade em constante transformação no tempo e no espaço, neste estudo proponho analisar esses fenômenos linguísticos e ainda, como a comunidade LGBTQIA+, especialmente pessoas não binárias, lidam com essa ausência no dia a dia. Para essa análise mais contemporânea, utilizarei cortes da série *Sex Education*, versão dublada em português, produzida pela plataforma de *streaming* Netflix, que traz discussões bastante relevantes para essa pauta. Vozes precisam ser ouvidas, tanto pela sociedade, quanto pelos estudos da linguagem, de modo a englobar todos e quaisquer sujeitos que estejam ou não enquadrados

¹ Queer (em português, 'excêntrico', 'insólito') é um termo “guarda-chuva” proveniente do inglês usado para designar pessoas que não seguem o modelo de heterossexualidade ou do binarismo de gênero.

nos estereótipos estabelecidos pela sociedade.

A metodologia a ser utilizada para a realização da pesquisa é de cunho bibliográfico e também possui caráter qualitativo, tendo como base textos seguindo a linha da Análise do Discurso. Foram utilizados neste estudo, a proposta de autores como Benveniste (1958), Eni Orlandi (1994) e Foucault (2009). Contudo, o trabalho também contará com uma análise de recortes da série *Sex Education* da Netflix, a fim de mostrar quais são as pautas levantadas pela comunidade LGBTQIA+, como esses sujeitos se constroem discursivamente, e as pautas levantadas por sujeitos contrários ao uso de pronomes neutros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As mudanças nas línguas humanas através do tempo

Assim como a sociedade, a língua está em constante mudança, podendo ser de ordem fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical ou pragmática. No entanto, a mudança ocorre de maneira lenta, atingindo algumas partes da língua e não o todo. Além disso, grande parte das mudanças da língua são adquiridas na fala, ocorrendo no cotidiano dos falantes, porém podem ocorrer na escrita também, como por exemplo, a mudança da grafia das palavras. É possível observar as mudanças da língua mais claramente quando se lê um texto mais antigo, em que há palavras que sofreram mutação através do tempo ou que hoje caíram em desuso.

A sociolinguística aponta para o fato de que a língua escrita é mais conservadora que a falada. Devido a isso, é possível observar mudanças na língua falada que não ocorreram na língua escrita. Isso se deve ao fato de que cada modalidade possui singularidades, ou seja, cada uma realiza os processos sintáticos de maneiras diferentes. A língua possui variações que podem levar em conta aspectos como: localidade, gênero, classe social, entre outros. As variações da língua não significam mudanças, pois podem ser “apenas” uma maneira diferente de dizer um mesmo termo, no entanto todas as mudanças podem sofrer variações², já que a língua sofrerá influência dos aspectos citados anteriormente e que lidarão com essa mudança³ da sua maneira,

² Variação linguística: 'fenómeno pelo qual uma determinada língua nunca é, numa dada época, lugar e grupo social, igual ao que era numa outra época, num outro lugar e num outro grupo social'

³ Mudança linguística: 'Qualquer modificação sofrida pela estrutura de uma língua (a nível fonético, fonológico, morfológico, sintático ou semântico) ao longo do tempo.'

portanto, "nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação." (FARACO, 2005, p.23).

2.2 Sobre a linguagem

Ao se falar de linguagem é importante citar um autor bastante famoso nos estudos da linguagem, Mikhail Bakhtin. Em seu livro *Gêneros do discurso*, Bakhtin (2003), afirma ser a linguagem essencialmente dialógica quando diz respeito ao processo de diálogo existente entre o locutor e o mundo ao seu redor. A linguagem permite que o ser conheça a si mesmo, estabelecendo um contraponto com o outro, sendo dialógica em três maneiras: 1- do sujeito para consigo; 2- do sujeito para com o outro; 3- do sujeito para com o mundo.

Ao dizer ou escrever um enunciado, o locutor não cria sua fala de um vácuo, de um vazio: ele baseia-se em enunciados anteriores, não falando somente o que é de autoria, mas buscando em outras vozes, suporte para a sua produção, e reproduzindo, de modo reformulado, as ideias de outro autor que também buscou inspiração em outros dizeres. Com isso, toda e qualquer interação por meio da linguagem é polifônica devido ao fato de o enunciado carregar várias vozes que dialogam entre si.

Em seu livro, Benveniste (1958) indaga sobre a linguagem ser tratada como instrumento de comunicação e a que deve ela essa propriedade. A fim de solucionar essas questões, o autor ressalta que os homens não encontraram outro meio melhor e eficaz de comunicação como a linguagem. Ela está presente na natureza do ser humano desde a sua concepção. Desta forma, pode-se perceber que nunca o ‘homem’ estará separado da linguagem e também, ninguém nunca o verá inventando-a.

A linguagem possui características próprias, como por exemplo, ter natureza imaterial, funcionamento simbólico, organização articulada e "conteúdo". Esses aspectos tornam o termo “instrumento” suspeito se tratando da linguagem, mas considerando-se a posição assumida por Benveniste (1958) em relação a ela, entende-se que não se trata de algo exterior ao homem, mas parte constitutiva da natureza deste. E ainda, ela só é possível, pois cada locutor se apresenta como *sujeito* durante a enunciação, se remetendo a si mesmo como *eu* no seu discurso.

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. (BENVENISTE, p. 286, 1958).

Partindo para os termos “eu” e “tu” como sendo formas linguísticas que indicam a “pessoa”, os pronomes pessoais sempre irão existir na língua em qualquer época, região,

cultura, ou seja, não existe língua sem a expressão de pessoa – os chamados dêiticos pessoais que apontam para as pessoas do discurso. Pode ocorrer a omissão desses pronomes no discurso em alguma ocasião, “esses usos, no entanto, não fazem mais que sublinhar o valor das formas evitadas; é a existência implícita desses pronomes que dá o seu valor social e cultural aos substitutos impostos pelas relações de classe” (BENVENISTE, p. 287, 1958).

Na linguagem, os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade. Essa subjetividade de que se está falando é a capacidade que o locutor tem para se impor como “sujeito”. No entanto, ao se tratar dos pronomes, deve-se ter em mente que eles dependem de outras classes que participam do mesmo *status*. Os indicadores da *déixis* organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” que é o ponto de referência no discurso. Esses indicadores podem ser entendidos como pronomes demonstrativos, advérbios, adjetivos e possuem uma relação de dependência com o “eu” que enuncia.

Dessa forma, a linguagem não deve ser confundida com o discurso, uma vez que a linguagem vai além da capacidade de comunicação do sujeito por meio de um sistema, já o discurso é a linguagem posta em ação e efeito de sentido de um dado dizer. O termo ‘discurso’ recebe diferentes acepções nos estudos linguísticos, deste modo, serão abordados aqui, algumas concepções assumidas por autores como Foucault (2009), Pêcheux (2002) e Orlandi (1994).

2.3 O discurso

A obra “A ordem do discurso”, de Michel Foucault, é a publicação de uma aula que o autor ministrou no “College De France” em 1970. Em seu livro, o autor expõe reflexões e pesquisas sobre o discurso e como ele se dissemina em uma sociedade. Para Foucault (2009), o discurso é uma rede de signos que se conectam uns com os outros estabelecendo os valores em determinada sociedade. Existem relações de poder que controlam o que os sujeitos podem falar e em qual espaço, ou seja, nem tudo pode ser dito por todos, há métodos de exclusão e interdição que delimitam a produção discursiva: os dizeres são regulados por forças que os orientam e os determinam.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2009, p.8-9).

Com intuito de estruturar determinado imaginário social, o discurso pode operar como uma manifestação do desejo, e mais, como o próprio objeto de desejo e de poder de que o sujeito quer se apoderar, ou seja,

(...) o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo (...), além disso, “(...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2009, p. 10).

Em seu livro, Foucault (2009) menciona três procedimentos externos do discurso: o primeiro é a “Interdição” que diz respeito às restrições feitas na organização de ideias para regular o que pode ou não ser dito, ou seja, as práticas sociais são reguladas e articuladas. O autor cita três exemplos sobre essa interdição: a sexualidade que representa o desejo, a política articulando o campo do poder e, por último, a religião unindo os campos do desejo e do poder.

O segundo procedimento é chamado de “Separação/Rejeição” que define quem pode e quem não pode falar, ou seja, quem deve falar e quem deve ouvir. Os sujeitos que podem falar sobre os assuntos já citados na Interdição possuem o “Direito Privilegiado”. Dito isso, existem as autoridades sociais que dizem respeito às vozes com direito de fala, ou seja, dentro dos campos do direito, da religião, da política, da educação, entre outros, existem sujeitos com direito privilegiado que possuem o lugar de fala, como por exemplo, em um julgamento, o juiz é quem “comanda” quem tem sua vez de fala e ninguém no tribunal pode “passar por cima” da autoridade do juiz.

O autor também traz em sua obra, dentre os sistemas de exclusão, a segregação da loucura, em que ele diz que o louco não é ouvido por ser colocado no campo da falta de sentido, por isso se diz que o louco não tem direito privilegiado. Segundo Foucault (2009, p. 10), durante séculos, o discurso do louco foi temido, pois ele revelava “verdades escondidas”. A palavra só era concedida ao louco simbolicamente no teatro “onde ele se apresentava desarmado e reconciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada”. O sujeito é taxado como louco por dizer a palavra proibida, ou seja, diz aquilo que ninguém quer ouvir ou tem coragem de dizer.

O terceiro procedimento é a “Vontade de Verdade” como sendo o desejo de organização dos discursos. O discurso pode se configurar como uma maneira de separação do que é verdadeiro e do que é falso, mas que, para Foucault (2009), essas definições são impostas por instituições que foram validadas pela sociedade ao longo da história. O autor argumenta sobre uma possibilidade de verdade que é aceita por uma determinada sociedade interessando a um

grupo social específico que se mostra como uma verdade oficial. Foucault (2009) ainda diz que o ser humano busca essa vontade de verdade, ou seja, saber o que é verdadeiro ou o que é falso, pois o desconhecido geralmente é temido.

O autor então faz uma reflexão sobre os procedimentos internos da articulação do discurso que consiste nos princípios de rarefação do discurso que é utilizado para se auto-controlar. Existem, ainda, mecanismos de ligação e exclusão entre o sujeito e o discurso; e o primeiro mecanismo é o “Ritual”, uma organização interna que dita quem deve se apoderar do discurso, um exemplo disto são os rituais religiosos que seguem uma série de normas e condutas de quem deve falar ou o que deve ser falado dentro do espaço religioso.

O segundo mecanismo é a “Sociedade do discurso”, que é a responsável por manter, organizar e permitir a circulação do discurso, no entanto, ela define regras de onde, quando e como ele deve circular. O terceiro mecanismo: as “Doutrinas” que se assemelham bastante à sociedade do discurso, porém são mais específicas, ou seja, dizem respeito a determinados grupos sociais. O quarto e último mecanismo é a “Educação” que possibilita o contato do sujeito com o discurso, entretanto, dentro dela ainda existe uma hierarquia. Para Foucault (2009) a educação é um modo político de gerência do discurso e de sua propagação, ou seja, o que pode ou não ser dito, como o conteúdo pode ou não ser apresentado, entre outros.

As coisas do mundo são simbolizadas por meio do dizer, ou seja, ao descrever um fato, o sujeito simboliza-o por meio da palavra que é carregada de ideologia. A forma como um determinado sujeito constrói simbolicamente um dado acontecimento é diferente da forma que outro sujeito constrói simbolicamente o mesmo acontecimento.

Ademais, Foucault (2009) propõe uma desarticulação do discurso, ou seja, o autor entende que os discursos são práticas isoladas, mas que eles se entrelaçam e produzem sentidos uns nos outros. O discurso pode ser orientado, possuindo, assim, objetivos e alvos. Contudo, pode-se perceber que cada sujeito tem um lugar de fala diferente, dependendo do espaço, local, com quem e o que se deseja falar, que deve ser respeitado seguindo as normas do discurso.

Para Pêcheux (2002), o discurso produz efeitos de sentido que implicam na criação de significações e se estrutura como uma prática ideológica. O autor trata o discurso como efeito de sentidos entre locutores, ou seja, o lugar em que ocorre a relação entre linguagem e ideologia. Desse modo, tem-se as Formações Imaginárias que designam os lugares que um sujeito A e um sujeito B atribuem para si e para o outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Constrói-se uma formação imaginária da posição ocupada por quem diz e a posição ocupada pelo interlocutor, o outro. Segundo Pêcheux:

O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B atribuem cada um a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente disponíveis) e as posições (representações dessas situações). Acrescentamos que é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso. (PÊCHEUX, 2002, p. 82-83).

Ademais, todo dizer retoma algo que já foi dito, uma memória do dizer, ou memória discursiva. É essa memória que permite a ocorrência das formações imaginárias, elas, por sua vez, são o posicionamento ideológico que temos sobre o lugar que o sujeito se situa e a representação que constrói de si mesmo e do lugar que ele situa o outro e a imagem que ele constrói desse outro. Essas posições são preestabelecidas, pois existem prerrogativas que devem ser preenchidas para ocupar determinado lugar em uma determinada prática.

2.3.1 Análise do discurso: uma perspectiva materialista

Pode-se dizer que a Análise de Discurso trata do discurso que é visto como a palavra em movimento, ou seja, a prática da linguagem e, dessa forma, para essa proposta teórica, deve-se observar o ser humano no ato da fala. Assim, para a Análise de Discurso, a linguagem é a “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, p.15, 2003), o que torna possível vários aspectos importantes como: a permanência, a continuidade, o deslocamento e a transformação do ser humano e sua vida real.

(...) a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, p.16, 2003).

Desse modo, a Análise de Discurso faz uma crítica à prática das Ciências Sociais e da Linguística, observando como se dá a materialidade da linguagem (a língua) na ideologia e ainda, como a ideologia é manifestada na língua.

Segundo Orlandi (1994), “o discurso é o lugar de contato entre língua e ideologia”, então tem-se a relação língua-discurso-ideologia. Para complementar essa relação entre língua, discurso e ideologia, pode-se trazer em pauta a proposta de estudo de Pêcheux (2002), o qual diz que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”.

Dessa forma, pode-se perceber que é no interior do discurso que a observação dessa relação entre língua e ideologia pode acontecer, compreendendo-se como se dá a produção de sentidos “por” e “para” os sujeitos. Dito isso, é preciso lembrar que a linguagem e a língua não são transparentes e, portanto, o discurso também não o é. Para a Análise de Discurso, os conhecimentos são produzidos conforme o próprio texto, vendo o discurso como possuidor de uma materialidade simbólica própria e significativa e uma espessura semântica, concebendo-o em sua discursividade.

A Linguística, segundo Orlandi (1994), defende a não transparência da linguagem, a qual possui objeto próprio, assim como também está em uma ordem própria. Essa afirmação é de extrema importância para a Análise de Discurso, que busca demonstrar que a relação entre “linguagem, pensamento e mundo” não possui apenas uma interpretação, ou seja, não é algo que se passa diretamente um com o outro, mas é construído discursivamente nas práticas sociais, ou seja, no modo como nos construímos simbolicamente pela palavra, no modo como construímos o modo e o objeto do dizer. No entanto, a Análise de Discurso pressupõe o materialismo histórico em que o “homem” faz a história, mas esta, também não é transparente.

Unindo língua e história na produção de sentidos, opera-se a forma material, mas não a abstrata. Ao se tratar dos estudos discursivos, é importante mencionar que forma e conteúdo não podem ser separados, uma vez que eles buscam compreender a língua não apenas como estrutura, mas principalmente como acontecimento; e unindo esses dois aspectos, tem-se então a forma material sendo vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito que foi afetado diretamente pela história.

Assim, observando as contribuições da Psicanálise, a Análise do Discurso promove o deslocamento da noção de indivíduo para a de sujeito. Este, por sua vez, “se constitui na relação com o simbólico, na história.” (ORLANDI, 2003, p.19).

- a.** a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b.** a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c.** o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2003, p. 19-20).

Ao se tratar de discurso, muito se pensa em algo linear quanto à disposição dos elementos da comunicação, assim como o esquema elementar supõe, mas, para a Análise de Discurso, vai bem além de uma mera transmissão de informação. Segundo Orlandi (2003), o esquema elementar é esquematizado da seguinte forma: “o emissor transmite uma mensagem

(informação) ao receptor, essa mensagem é formulada em um código referindo a algum elemento da realidade – o referente.”. A autora defende o ponto de vista de que a língua não é apenas um código e o discurso não acontece de forma que os elementos ajam separadamente, pelo contrário, eles atuam de forma conjunta e ao mesmo tempo no processo de significação.

Dito isso, Orlandi (2003) trata da noção de meios de interpretação entre o dito e o não dito, e sua relação com o sujeito, por meio dos sentidos e dos usos da língua. Uma palavra pode significar coisas diferentes, dependendo de quem a disse e como foi dita. Dessa forma, o discurso é um efeito de sentido entre falantes como forma de garantir a permanência de uma representação. O sujeito que dissemina um discurso por meio do que diz é aquele que se apresenta como um eu e se mostra para o outro de acordo com sua coerência. Assim, a autora trata do discurso e da ideologia, em que revela que sentido é construído discursivamente ancorado em uma materialidade histórica. A análise do discurso compreenderá a ideologia e sua interferência no discurso. Essa imersão na linguagem dá sentido ao discurso do sujeito. Para que esse discurso ocorra, são necessários alguns elementos para a construção dos enunciados, como o pronome, o qual será explorado no tópico seguinte.

2.4 O pronome

O Minidicionário da Língua Portuguesa de Sérgio Ximenes (2000) define o pronome como: “*sm.* Gram. Palavra que substitui o substantivo, ou o acompanha, esclarecendo-lhe o significado”. Algumas concepções de pronome podem ser herança de visões clássicas da classe pronominal. Dito isso, pode-se perceber que uma das funções dessa classe de palavras é ocupar o lugar do substantivo com o intuito de evitar repetições desnecessárias:

Consequentemente, os pronomes pessoais, aparecem como simples substitutos “do nome daquele que fala” (primeira pessoa), “do nome daquele para quem se fala” (segunda pessoa) e “dos nomes das pessoas ou das coisas das quais se fala” (terceira pessoa), estando aqui englobados os demonstrativos, “que indicam como se fosse com o dedo a coisa de que se fala. (LAHUD, 1979, p.50 apud Vera Pires e Kelly Werner (2007).

De acordo com Jakobson (1957) - apud Vera Pires e Kelly Werner (2007), é o pronome pessoal “eu” que o designa quem o enuncia. Dessa forma, o autor defende que o “eu” é um símbolo, uma vez que ele simboliza, conceitua e representa a primeira pessoa. Mas para que o signo “eu” represente o seu sujeito é preciso que possuam uma “relação existencial” com esse objeto, ou seja, o signo “eu” determina o enunciatador estando em uma relação existencial com a enunciação, operando então, como um índice, mostrando e indicando quem enuncia.

Para Jakobson (1957) - apud Vera Pires e Kelly Werner (2007) -, os articuladores, como, por exemplo, os pronomes pessoais: “assim, “eu” designa o destinador (e “tu” o destinatário) da mensagem à qual pertence”. Desse modo, o autor não via o pronome como sendo apenas um substituto do nome ou indicadores da pessoa no discurso, mas como signos que possuem significados particulares, o que expande o significado atribuído pela gramática normativa e dicionários aos pronomes. Observa-se então a concepção de pronome dentro da “dêixis” trazida pelo Dicionário de Linguística e Gramática: referente à Língua Portuguesa de Câmara Junior (2002) - apud Vera Pires e Kelly Werner (2007):

(...) O pronome é justamente o vocabulário que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes. Essa dêixis se baseia no esquema lingüístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais situados fora do eixo falante-ouvinte. (CÂMARA JUNIOR, p.90, 2002).

Benveniste (1946) atestou que os signos pronominais e nominais são diferentes, embora parecidos: um nome possui um conceito em que todas as aplicações individuais podem ser relacionadas entre si, como por exemplo, o objeto 'casa'. Já no caso do signo pronominal, o signo “eu”, não possui um conceito em que todos os “eus” podem ser reportados a um único “eu”. Isso ocorre pelo fato de o pronome “eu”, assim como “tu” e outros dêíticos, não possuir denominação em nenhuma entidade específica, mas à fala individual em que se coloca, marcando o lugar do enunciador/locutor.

Para Benveniste (1946), os pronomes são marcadores pessoais (eu/tu). A categoria do discurso, como forma vazia, pertence ao nível pragmático, apenas no exemplo da fala, o enriquecimento e o significado são obtidos quando o falante assume. Este plano é sempre único, fluido e reversível, representando a (inter)subjetividade da língua. Por outro lado, um pronome de terceira pessoa é um símbolo completo, uma categoria da linguagem, pertencente ao nível sintático, com referencial objetivo, valor independente das instâncias de expressão, declarando assim a objetividade da linguagem. Ao se tratar da (inter)subjetividade, Santos (2002) afirma:

O fundamento da subjetividade repousa sobre a categoria de pessoa presente no sistema da língua; todavia essa subjetividade depende da inversibilidade do par eu-tu, a qual assegura um fator fundamental na atribuição de sentido à categoria de pessoa - a intersubjetividade.(SANTOS, 2002, p.25).

Ao tratar dos pronomes: “eu”, “tu” e “ele”, Benveniste (1988) aponta para a existência do “oculto” em todos eles quando menciona que “os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos” (BENVENISTE, 1988, p. 277). Dessa maneira, tem-se dois aspectos dos pronomes a se

evidenciar: o fato da não existência de uma classe unitária nos pronomes, e ainda, os pronomes serem “signos” de “modos de linguagem”, mas que também marca a propriedade oculta do pronome no geral, restringindo o “ausente” do “ele”.

Cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção constante e “objetiva” [...]. No entanto, as instâncias de emprego de ‘eu’ não constituem uma classe de referência, uma vez que não há “objeto” definível como ‘eu’ ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. (BENVENISTE, 1988, p.278).

O “eu” não possui classe de referência, por isso a propriedade oculta em “eu” se refere a uma noção “objetiva” e “aparente”, ao contrário do nome. Logo, quando Benveniste (1988) contrapõe o “eu” ao “ele”, pode-se perceber que a propriedade oculta em “ele” deve-se ao fato de esse pronome se referir a um objeto colocado fora da elocução.

É preciso ter no espírito que a “terceira pessoa” é a forma do paradigma verbal (ou pronominal) que ‘não’ remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação. (BENVENISTE, 1988, p.292).

Nos dois casos, Benveniste (1988) enfatiza a disparidade que se dá sobre uma base comum: tanto o “eu” como o “tu” e o “ele” pertencem à classe formal dos pronomes.

3 ANÁLISE

3.1 Resumindo alguns episódios da série *Sex Education*

A série *Sex Education* foi criada por Laurie Nunn e começou a ser produzida em 2019, originalmente pela Netflix no Reino Unido. Atualmente, ela possui 3 temporadas (renovação da 4ª temporada confirmada), com 8 episódios cada, e tem classificação indicativa de idade de 16 anos. *Sex Education* traz a rotina de Otis, filho de uma sexóloga muito conhecida na região. Ele é um garoto que está passando pelo colegiado, mas que além de possuir problemas como o dos outros adolescentes, ele possui o dever de cuidar de uma clínica de “sexo” dentro da escola. Maeve, sua amiga, o ajuda cuidando dos negócios que auxiliam vários adolescentes a compreenderem o próprio corpo e a lidar com suas próprias vontades.



Figura 01 – Capa da série *Sex Educacion*

Fonte: Correio Brasiliense, 2019

A 3ª temporada da série, versão dublada, conta com personagens novos como Layla (Robyn Holdaway), Cal (Dua Saleh) e a nova diretora de *Moordale High*, Hope (Jemima Kirke). Layla é uma personagem não binária e bastante retraída, sempre tenta fugir de confusão, acatando e seguindo todas as regras impostas pela diretora Hope que é extremamente rígida. Ao contrário de Layla, Cal, que também é uma personagem não-binária, tem o espírito livre e enfrenta qualquer obstáculo que cruze seu caminho, principalmente os impostos pela diretora da escola.

A análise começa logo no episódio 2 da terceira temporada. No minuto 57:32, a diretora Hope impõe a obrigatoriedade do uso de uniformes cinzas na escola, proibindo o uso de jóias, piercings, cabelos tingidos, penteados extravagantes e quaisquer outros acessórios que saiam do uniforme escolar. Esse é um método usado na tentativa de padronizar os estudantes. No entanto, isso acaba mexendo com a personalidade dos alunos que não conseguem se expressar por meio das vestimentas que lhes são impostas.

Passando para o minuto 9:37 do 3º episódio, Hope pede para que Vivienne (Vivi) fiscalize os colegas para que as regras sejam cumpridas. Vivi, por sua vez, busca alcançar um currículo impecável e procura ser a melhor aluna da escola, por isso acata a ordem da diretora. Logo, no minuto 10:38, tem-se a primeira repressão de Cal. A garota adverte Cal alegando que estaria com o uniforme errado, já que estava portando peças masculinas e largas.

Figura 02 - Primeira repressão a Cal pelo mal uso do uniforme.



Fonte: MELON, 2021.

O uso adequado dos uniformes continua sendo pauta na escola *Moordale*. No minuto 15:00, alguns alunos são chamados na diretoria, inclusive Cal, que recebe de Hope o uniforme considerado pela instituição de ensino como “adequado”. Ao receber o uniforme feminino, Cal se recusa a usar a saia. A diretora diz que a escolher não usar saia é um direito de Cal e, por ser feminista, entende a situação e o desconforto ‘delu’⁴.

A seguir, é apresentado um diálogo retirado da cena retratada na figura 2:

Cal: (joga um dos pacotes na mesa) - Eu não vou usar saia!

Hope: - Tudo bem. É um direito seu. Eu sou feminista. Eu entendo. Mas vai usar um uniforme do seu tamanho. Sem calças largas emboladas no tornozelo. Acho que estou sendo bem justa. (fala sem dar espaço para Cal).

A diretora continua citando os problemas nos uniformes dos outros alunos até que ela se direciona a Hola:

Hope: - Hola, só pode usar os broches da escola!

Hola: - É o meu broche LGBTQIA+, é importante para mim.

Hope: É claro que é, mas seus valores não são tão frágeis a ponto de um broche ser tudo que suporta eles. Retire!

⁴ “delu” - linguagem neutra utilizada por mim em função da representação social de Cal.

Figura 03 - Cal recebe o uniforme "adequado".



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7trfX9qqVc>

Logo após a cena da diretoria, no minuto 17:02, Cal vai até o vestiário feminino se trocar e acaba sendo ridicularizado pelo seu corpo e por usar um *binder*. Além disso, ele se sente bastante desconfortável ao vestir o novo uniforme. Em uma conversa com Jackson, um de seus poucos amigos, no minuto 38:40, Cal comenta sobre o uniforme e diz não gostar de roupas apertadas, mas que não tem escolha, pois *Muitas pessoas não entendem* - diz Cal.

Além do código de vestimenta rígido, a diretora Hope resolve mudar a dinâmica do currículo da escola. Em uma reunião com os professores da escola, no minuto 12:23 do episódio, ela exige que os professores não respondam perguntas pessoais durante as aulas, principalmente na aula de educação sexual. Questionada por essa atitude, a diretora diz que a escola não é lugar para perguntas pessoais. Os docentes ficam pasmos com a atitude dela e se sentem acuados.

Com o intuito de ajudar Cal, Jackson propõe para que Vivienne peça autorização de Hope para a criação de um fórum para que os alunos possam manifestar suas inquietações, trazendo temas como Saúde Mental e Identidade de Gênero. Vivi, com ciúmes do amigo e querendo ajudar Cal, acaba errando o pronome de tratamento, chamando Cal de garota, porém rapidamente ela se corrige e utiliza a palavra 'pessoa'. (Minuto 14:00)

Ainda no episódio 4, no minuto 16:10, Vivienne organiza duas filas para a aula de educação sexual: uma somente de meninas que iriam para uma sala e outra para os meninos que iriam para uma outra sala. No entanto, Cal fica em dúvida de qual fila ele pertencia:

Segue o diálogo retrato na figura 3:

Jackson: - Olha só, Cal quer saber em que fila vai ficar.

Vivienne: - Meninos nessa sala e meninas naquela. - fala apontando para cada sala.

Cal: - Mas eu sou não binário.

Layla: - Eu não sei a minha fila também.

Hope chega: - Qual é o problema além do seu uniforme de novo?! - fala apontando para Cal.

Cal: - Não nos encaixamos na descrição de menino ou menina, então ... para onde devemos ir?

Hope: - Vocês podem ir para a fila das meninas. .

Cal: - Mas eu não sou menina.

Hope: - Elas vão falar sobre a anatomia feminina na aula, tenho certeza que vai ser útil para você.

Cal: - Certo! Então é a fila da vagina e a fila do pênis... é isso?

Layla: - Tudo bem! Eu não quero causar problemas. Eu vou com as meninas.

Hope: Obrigada! Isso ajuda muito! Mais alguma coisa Cal?

Cal: - Hum! Isso é uma palhaçada! - sai andando.

Hope se vira para Jackson: - Cuidado Jackson! Não quero você no caminho errado.

Durante a aula de educação sexual das meninas, uma palestrante só falava sobre como o sexo e a gravidez acabou com a sua vida, a fim de desencorajar as alunas e induzir a nunca praticarem o ato. Já na sala dos meninos, foi passado um vídeo pregando a abstinência e a homofobia. No entanto, ao questionarem as práticas ensinadas nas aulas, alguns alunos foram advertidos.

Já no episódio 6, no minuto 10:55, Cal procura Hope para perguntar sobre a possibilidade de ter um vestiário de gênero neutro no campus. Com um ar de indiferença, a diretora diz que falaria sobre o que Cal quisesse quando viesse com o uniforme correto, conforme demonstrado no diálogo a seguir:

Cal: - Como exatamente definiria correto?

Hope chama Layla: - Layla é um exemplo perfeito de como você deve expressar sua identidade e mesmo assim seguir as regras da escola.

Cal: - Então Layla é uma pessoa N.B. certa e eu errada?! É isso mesmo?

Hope: - Eu não entendo sua gíria.

Cal: - N.B. - fala desenhando no ar- pessoa não binária. Eu acho interessante como gosta de separar a gente: Layla e eu... Jackson e Vivi ... tem muito poder e múltipla autoridade?!

Hope: Como eu disse: fale comigo quando seguir o protocolo - sai andando.

À medida que os episódios vão passando, pode-se perceber a pressão do conselho, dos investidores e dos pais sobre a diretora. Ela, então, com o intuito de acabar com a rebeldia dos alunos, convoca a escola inteira para uma assembleia (minuto 17:20). Em 18:15, Hope pune três alunos por suas atitudes, inclusive Cal que recebe uma placa com os seguintes dizeres: “*Eu sou uma encrenqueira, desleixada e não me importo com os meus colegas*”, sendo obrigadx a ler para todos que ali estavam presentes. A diretora Hope impõe que os outros alunos não conversem com os três discentes que possuem a placa, podendo ser punidos por isso. Além disso, os celulares dos três foram recolhidos até segunda ordem.

Figura 04 – Momento da punição da diretora Hope em Cal



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DXrgtGaqRWs>

Em uma conversa com Hope, Vivienne convida a diretora para comparecer ao fórum dos alunos que grava toda conversa, conforme retratado na figura 4.

Diálogo retirado da cena:

Vivienne: - Vai para o fórum dos alunos hoje, talvez “temos” ideias interessantes para colocar na apresentação!

Hope: - Por que eu iria ouvir um bando de adolescentes reclamando de seus problemas insignificantes por uma hora? Não, obrigada! Eu tô cansada dessa histeria egocêntrica e

obsessiva de identidade de gênero. Quanto mais rápido você e seus colegas mesquinhos perceberem que não são tão especiais e que o mundo real não se importa com os seus supostos problemas, *melhor.*

O episódio 7 mostra os preparativos para o evento de “Portas abertas” em que o campus receberá investidores e a comunidade em geral para uma apresentação, com o intuito de melhorar a reputação da escola. No minuto 15:25, Hope chama Cal até uma sala vazia, repreende pelo uso incorreto do uniforme escolar e comenta sobre a ida da imprensa à escola para cobrir o evento. A diretora tranca Cal nesta sala para que “não arrume problemas”.

Em 19:40, os alunos da escola *Moordale* utilizaram o momento de atenção do público para reivindicar seus direitos e contarem um pouco de sua história, implorando para que a escola ouça seus alunos. No minuto 24:21, os alunos fazem uma analogia às placas usadas por Hope que ridicularizaram os alunos, no entanto, desta vez, elas foram usadas para protestarem contra as atitudes da diretora. Já em 26:20, Cal consegue fugir pelos dutos de ventilação da escola e acaba caindo bem em cima do palco onde está acontecendo o evento. O auge dessa cena é quando Cal chama Hope e mostra o dedo médio para ela.

3.2 Gênero não binário

Nietzsche (2008) reflete sobre a imposição da binariedade de coisas e objetos. Ele defende a ideia de que algum dia a necessidade de separar nomes em gêneros masculino e feminino não exista mais.

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol. (NIETZSCHE, 2008, p. 27, apud JESUS, 2012, p. 5)

Além disso, a atual sociedade propaga a crença de que os órgãos genitais determinam se uma pessoa é homem ou mulher. No entanto, a construção das identidades como homens ou mulheres não é um fato biológico, é social. Muitos sujeitos não se encaixavam nesses rótulos, pois não se viam no espelho como homens ou como mulheres. Por isso, com o intuito de abranger esses gêneros e auxiliar na inclusão desses sujeitos na sociedade, após muita luta, surgiram os termos que compõem a sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais, + é a inclusão dos outros grupos existentes) .

Os que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história. (SCOTT, 1989, p.2)

Dessa maneira, torna-se importante compreender a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero. A primeira se refere à atração sexual e/ou afetiva que o sujeito sente e já a identidade de gênero está se referindo à auto-identificação, ou seja, como o sujeito se reconhece ao se olhar no espelho. No entanto, uma definição pode não estar ligada à outra, uma vez que o sujeito pode ter uma identidade de gênero e uma orientação sexual distinta uma da outra. O guia “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos” traz a seguinte definição:

Sexo é biológico, gênero é social. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. (JESUS, 2012, p. 6)

Judith Butler (2003) complementa esse ideia ao tratar sobre a diferença entre sexo e gênero nas seguintes palavras:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.(BUTLER, 2003, p. 13).

Dito isso, é importante ressaltar que a não binariedade é diferente da assexualidade. O termo “não binário” designa um tipo de identidade de gênero, já a assexualidade é um termo utilizado para sujeitos que não sentem qualquer tipo de atração sexual independente do gênero a que pertence. O sujeito não binário pode utilizar-se dos dois gêneros ao mesmo tempo (homem e mulher), mas também pode não estar inserido em nenhum dos dois.

Dessa forma, os pronomes neutros são extremamente importantes para a não designação de gênero. A Língua Portuguesa, por ser uma língua neolatina, adota o pronome masculino como forma de neutralizar alguns dizeres, como por exemplo, a palavra “alunos” que ao englobar mais de um sujeito e contemplar sujeitos do sexo masculino e também do feminino, utiliza-se o artigo “os” (no plural) como forma de unir todos esses sujeitos em um mesmo grupo.

O português é uma língua que possui bastante binariedade, principalmente ao se tratar de objetos: “a cadeira” (feminino), o piano (masculino), entre tantos outros. Atualmente, ao perceber a demanda dessa comunidade e a necessidade de acrescentar à Língua Portuguesa os pronomes neutros, criou-se alguns exemplares como: “elu”, “eli”, “delu”, entre outros (termos

utilizados neste estudo para se referir a sujeitos não binários). E ainda, ao se tratar da comunicação via internet, passou-se a utilizar o “x” no lugar da terminação que define gênero como: “bonitx”, “perfeitx”, “engraçadx” etc. Sobre a binariedade Judith Butler (2003) ressalta:

Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. (BUTLER, 2003, p. 24)

A Netflix é conhecida por trazer em suas séries e filmes temas importantes para colocar em pauta. Desta vez, em sua série *Sex Education*, ela traz o “gênero não binário”, auxiliando o seu espectador a conhecer ou até mesmo entender melhor o que significa essa expressão. *Sex Education* aborda as identidades sexuais e de gênero como parte essencial para o enredo da série e não apenas em episódios especiais, tornando a discussão sobre a pauta fluida e o mais próximo da realidade.

Mesmo Laurie Nunn (autora da série) não trazendo o conceito de gênero não binário em sua obra, esse tema é tratado durante os episódios e permite que o telespectador perceba as lutas enfrentadas por essa comunidade diariamente, como por exemplo, a necessidade da sociedade em definir feminino e masculino ou o não respeito pelos pronomes de tratamentos adequados ao se referir a essas pessoas.

3.3 O personagem Cal

Cal é um personagem marcante dessa temporada, mesmo não sendo o protagonista. É um personagem não binário que foi pensado cuidadosamente pela autora e seus colaboradores. Dua Saleh, que interpreta Cal na série *Sex Education*, assim como seu personagem, é uma pessoa não binária. Saleh concedeu uma entrevista para a plataforma de streaming Netflix descrevendo um pouco o seu personagem na série:

Cal é uma pessoa não binária que estuda na descontraída *Moordale*. Tem um espírito muito livre, pois adora patinar, fumar maconha e amar. Cal me traz muita alegria. Para mim, esse personagem foi muito bem pensado pelo jeito que fala com as pessoas, que encara os desafios e da maneira como trata os demais com sutileza. Acredito que ele é apenas uma pessoa passando pela adolescência enquanto tenta descobrir o mundo. Acho que o que mais me atrai em interpretar Cal é o fato de a sua jornada não ser só sobre traumas. Nem todas as pessoas não binárias podem dizer o mesmo sobre os papéis que têm a oportunidade de interpretar. (NETFLIX, 2021).

Além disso, o estilo do sujeito diz muito sobre ele mesmo, pois é por meio de suas vestimentas que é transmitido às outras pessoas partes sobre você mesmo. Saleh conta sobre o figurino de seu personagem e o que seu estilo comunica visualmente sobre ele:

A maneira como Cal se veste foi um ponto muito importante para a equipe criativa, que buscou ser muito específica ao retratar o estilo dele. Os seus cabelos são trançados de forma intrincada, sendo fiel à naturalidade do gênero de Cal. Além disso, a equipe estilizou Cal com roupas mais largas e confortáveis. Tudo foi pensado a partir da questão de gênero e de modo intencional para permitir que Cal se sentisse mais livre. (NETFLIX, 2021)

A opinião de uma pessoa não binária sobre um personagem que faz parte dessa comunidade é importante pelo fato de que o sujeito possui lugar de fala e também por esse personagem ter a oportunidade de ajudar outras pessoas que passam pela mesma situação em seu dia a dia. A esse respeito, Saleh faz a seguinte afirmação:

Eu quero que as pessoas se sintam validadas. Cal é uma pessoa negra não binária, e eu quero que as pessoas pensem “Nossa, eu me vejo nesta série. Eu me vejo sendo representada em uma grande mídia”. Isso é o que eu mais quero. (NETFLIX, 2021)

Em *Sex Education*, Cal trava diferentes batalhas todos os dias ao enfrentar Hope e seus colegas. A diretora possui caráter bastante conservador e se recusa a aceitar posicionamentos e realidades de pessoas *queer*. E os colegas fazem de Cal motivo de chacota e insistem em falar de seu corpo, o que deixa ele bastante incomodado e inseguro.

Cal é um personagem que busca por seus direitos sem passar por cima de ninguém para isso. Ele tenta usar sua voz, assim como muitas pessoas do mundo real, no entanto, é sempre silenciado pela diretora Hope e seu sistema, que pode ser associada a sociedade que, por muitas vezes, silencia vozes por puro preconceito e não aceitação. O personagem mostra a importância da busca por conhecimento das necessidades do outro, validando a dor e a luta alheia, seja ela qual for. Sujeitos não binários, bem como os demais sujeitos que integram a sigla LGBTQIA+ se identificam por símbolos que representam suas lutas e a busca pela construção social de suas identidades, conforme exemplificado na imagem a seguir.

Figura 05 - Bandeira LGBTQIA+ e alguns pronomes neutros



Fonte: Imagem retirada da internet

A Linguagem Neutra é uma proposta de representação reflexiva que visa tornar uma língua, como por exemplo o português, inclusivo para transgêneros, travestis, não binários, intersexuais ou pessoas que não sentem representadas com os pronomes que existem na língua falada no Brasil hoje. Embora o tema seja amplamente discutido nas redes sociais e entre linguistas no meio acadêmico, o emprego da língua neutra ou inclusiva não se atém a uma norma nova da materialidade linguística, mas sim uma tentativa de alguns falantes de fazer com que o português possa abarcar uma “minoria” da população.

Atualmente, há um movimento nacional de neutralização de gênero, não só em pronomes, mas nas palavras que demarcam gênero. Com o intuito de promover a inclusão de pessoas não binárias, utiliza-se elementos como: “@”, “x”, “e”, “ê”, “es”, “le”, “elu”, “minhe”, entre outros, para a não marcação de gênero masculino/feminino. Esse é o método mais eficaz que se tem atualmente para atender esse determinado público.

Refletindo essa questão tão pertinente, a professora da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (Fale/PPGL/UFGPA), Fátima Pessoa, defende que esses elementos são frutos da relação entre linguagem e sociedade:

O que testemunhamos, na atualidade, como defesa de formas linguísticas neutras ou não binárias em relação à referência de gênero social é um movimento legítimo pelo reconhecimento e pela expressão da pluralidade das experiências humanas. (SOUZA, 2021).

No entanto, em algumas discussões, foi possível reconhecer as limitações de alguns experimentos, como o uso de "x" ou "@" na escrita, e o alcance de outras formas, como o uso de vogais "-e" " para neutralizar as referências ao gênero no discurso português. Os elementos “x” e “@” não são muito viáveis, devido ao fato dos aplicativos que lêem textos, como por exemplo, para pessoas que têm limitações visuais, não os reconhecem. Acerca da importância de se discutir a inclusão dos pronomes neutros no meio acadêmico, Pessoa (2021) defende que todos os processos de transformação social são relevantes para o estudo da língua e da literatura devido à inevitável relação entre língua e sociedade.

Aquilo que a academia tem a dizer sobre as estruturas das línguas, sobre seu funcionamento, sobre suas práticas discursivas também afeta as dinâmicas sociais. Portanto a discussão sobre as formas e os usos de uma linguagem neutra ou não binária em relação à referenciação de gênero social é parte integrante de um abrangente movimento sociopolítico de combate aos preconceitos e aos silenciamentos (SOUZA, 2021)

Voltando o olhar para a série *Sex Education*, pode-se perceber a necessidade que Cal sente em ser ouvido e ter seus direitos e liberdade de expressão assegurados, o que não acontece devido à resistência de Hope em aceitar a identidade de gênero de seus alunos. A diretora, além de não respeitar a identidade dos alunos, promove conflitos entre eles, colocando-os uns contra os outros com o intuito de controlá-los. Por diversas vezes, quando Cal tenta se expressar e se comunicar com Hope, ele é cortado pela diretora que logo o deixa sem palavras.

Ademais, a diretora se mostra inicialmente como uma pessoa descolada e que deseja mudar *Moordale*, no entanto, ela apenas torna ainda mais radical as regras da escola, deixando seus alunos acuados. Ela escolhe Vivienne para representante discente não por achar a jovem inteligente e esforçada, o que claramente ela é, mas por ser negra, assim faria a comunidade pensar que *Moordale High* está livre de preconceitos e discriminações. Outro ponto que evidencia o seu racismo, é quando Hope pensa que Adam é o atleta da escola, ou seja, espera o melhor do garoto branco. Ou seja, além de homofóbica, a diretora Hope demonstra traços de racismo.

3.4 Analisando algumas falas dos personagens

A análise dos dizeres proferidos na série em relação a emprego de um modo de dizer neutro nos remete aos estudos de Foucault (2009). O autor defende que há métodos de exclusão e interdição que delimitam a produção discursiva, assim, ao observar falas de *Sex Education*, no minuto 15 do episódio 3 em que Hope responde Cal sobre o uso do uniforme com a seguinte

fala: *“Tudo bem. É um direito seu. Eu sou feminista. Eu entendo. Mas vai usar um uniforme do seu tamanho. Sem calças largas emboladas no tornozelo. Acho que estou sendo bem justa”*, a diretora busca selecionar bem suas palavras para não demonstrar tão abertamente a sua resistência acerca do modo de Cal expressar sua sexualidade e individualidade através de suas vestimentas e/ou acessórios. A diretora ainda usa argumentos como *“Eu sou feminista. Eu entendo.”* na tentativa de persuadir Cal, mostrando que ela é uma pessoa de mente aberta. O que de fato ocorre é uma forma de exclusão de um modo de ser que não condiz com os padrões instituídos.

Em Benveniste (1958), os pronomes são marcadores pessoais. Além disso, como já dito, os pronomes pessoais sempre existirão na língua em qualquer época, região, cultura, dito isso, para a não marcação de gênero, são utilizados pronomes como “ile” e “elu” pela comunidade LGBTQIA+, assim o certo seria que todos da escola tratassem Cal e os outros alunos não binários com os seus respectivos pronomes, o que não ocorre, uma vez que mesmo sabendo da identidade de gênero de Cal, a diretora Hope insiste que ile fique na fila das meninas, no minuto 16:10 do episódio 4: *“Vocês podem ir para a fila das meninas.”*

Embora grande parte da sociedade pense ser desnecessária a utilização de pronomes neutros, por se tratar da representação social que o sujeito constrói de si mesmo, faz muita diferença para os sujeitos não binários, pois é uma forma de inclusão social, uma vez que permite a esses sujeitos se sentirem representados de alguma forma em uma sociedade tão preconceituosa.

Conforme pontua Orlandi (1994, p. 21), *“as formas de individualização do sujeito, pelo Estado, estabelecidas pelas instituições, resultam em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua verdade.”* Hope tornou-se dona de sua verdade por não abrir mão de seus princípios para atender às necessidades de seus alunos e esse modo de agir pode ser comprovado no episódio 6 no minuto 10:55 quando Cal pergunta sobre a possibilidade de ter um vestiário não binário no campus e a diretora Hope simplesmente muda de assunto dizendo que conversaria sobre o que quisesse quando viesse com o uniforme correto. Dessa forma, ela ainda compara is alunis não binários com a seguinte fala: *“Layla é um exemplo perfeito de como você deve expressar sua identidade e mesmo assim seguir as regras da escola”*, ou seja, se reprimindo e acatando sem reclamar tudo o que a diretora impor. E ainda, a diretora utiliza o uniforme como forma de silenciamento, ou seja, após a imposição dos uniformes os alunos passaram a não poder mais se expressarem nem por meio dos acessórios.

A “Vontade de Verdade” de Foucault (2009) vai além das definições do que pode ser verdade e o que pode ser falso segundo as regras impostas por instituições que foram validadas

pela sociedade ao longo da história. Trata-se da evocação de uma memória que visa validar o discurso verdadeiro, que busca legitimá-lo a fim de estabelecer relações de poder. Dessa forma, pode-se dizer que a diretora Hope é configurada como sendo a voz da instituição à qual integra, devido ao cargo que ocupa na escola, ou seja, é ela quem delimita o que pode ou não ser feito dentro da escola, como se vestir ou não, o que pode ser dito ou não. Muitos alunos acatam todas as regras impostas pela diretora, mesmo não atendendo aos anseios deles, assim como Layla quando, no minuto 16:10 do episódio 4, momento de organização das filas, diz: “*Tudo bem, eu não quero causar problemas, eu vou com as meninas*”, ou seja, mesmo ela não se enxergando como uma menina, ela resolve acatar a imposição de Hope por temer uma punição e por ela ser uma autoridade.

Ademais, Foucault (2009) ainda traz a possibilidade de uma verdade que é aceita por uma determinada sociedade interessando a um grupo social específico que se mostra como uma verdade oficial. Pensando nisso, pode-se fazer uma analogia entre identidade de gênero e sexualidade, uma vez que é um assunto de interesse a um determinado grupo, ou seja, é uma minoria que busca lutar por seus direitos diariamente e que necessita, por diversas vezes, corrigir falas preconceituosas e homofóbicas que, ainda hoje, muitos sujeitos utilizam mesmo sem perceber devido as validações feitas ao decorrer da história da humanidade e por estarem assujeitados a uma dada ideologia.

É importante ressaltar que os sujeitos são construídos socialmente e, ainda que apresentem características singulares, são construídos discursivamente na relação com o outro. Certos sujeitos conseguem se sentir à vontade sendo tratados com pronomes femininos ou masculinos, mas em determinadas práticas discursivas, esses termos podem ser opressivos porque os empurram para uma representação de si que não condiz com o modo como o sujeito se constrói discursivamente. Quando a sociedade exige que sujeitos não binários assumam uma identidade que não corresponda à formação imaginária que eles constroem de si mesmo, esses sujeitos são situados à margem da sociedade, sendo rotulados e silenciados de maneira ofensiva. Ao interagirmos com um sujeito não binário, precisamos perguntar o pronome de tratamento mais adequado e sempre utilizá-lo em um diálogo com esse sujeito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa contou com posicionamentos muito importantes de autores da Análise do Discurso que auxiliaram para que o objeto de análise fosse investigado como

pretendido. O trabalho visa auxiliar sujeitos binários a compreenderem sobre a importância da utilização de pronomes neutros nas diferentes instâncias sociais para a não designação de gênero, pauta necessária para a comunidade LGBTQIA+, especialmente para sujeitos não binários.

A fim de buscarem representatividade nos pronomes neutros e a não designação de rótulos, com o intuito de estabelecer uma ruptura com o preconceito social contra esses sujeitos, algumas expressões foram criadas, o que ajudou a comunidade a ter seu lugar de fala e espaço na sociedade atual. Ao tratar dos usos que fazemos da língua, Benveniste (1989, p. 18) defende o ponto de vista de que “[...] todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova. Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção.”

Além disso, Foucault (2009) traz à tona a possibilidade de verdades aceitas por uma sociedade em benefício de um determinado grupo social, e na forma de verdades oficiais. Assim, fazendo uma analogia entre identidade de gênero e orientação sexual porque se trata de interesses de um determinado grupo, ou seja, é uma minoria que busca todos os dias lutar por seus direitos, e em alguns casos por baixo da necessidade, corrigindo retóricas preconceituosas e homofóbicas, ainda hoje, muitos sujeitos usam essas retóricas sem sequer perceber, devido à validação ao longo da história humana e sua sujeição a ideologias específicas.

Dessa forma, é possível responder às questões apresentadas na introdução desta monografia, começando pela primeira questão: a criação dos pronomes neutros se deu pela necessidade de representatividade de uma comunidade específica. Muitas línguas possuem o pronome neutro em sua gramática, é o caso do inglês que utiliza o *They* para coisas e objetos e significa ele/ela. Seguindo para a próxima pergunta: para que uma palavra seja integrada em dicionários e gramáticas da língua portuguesa, é necessário que atenda a critérios semânticos, fonológicos e sintáticos, não somente 1 critério, mas dois ou mais. Contudo, sabemos que são os usos que determinam as regras das línguas.

O mais recente acordo ortográfico, ao ser implementado em 2009, enfrentou diversas dificuldades para ser aceito pela maioria da população. Nessa perspectiva, os obstáculos que envolvem a implementação da língua neutra são ainda maiores. Alguns gramáticos mais conservadores defendem o masculino universal, argumentando que o português já é neutro e que pronomes como "eles" e "deles" podem se referir tanto a homens quanto a mulheres de um mesmo grupo, rejeitando qualquer forma de mudança de nome, incluindo pessoas diferentes do binário.

Contudo, a linguagem neutra tem o intuito de acolher, respeitar e valorizar a diversidade; auxiliar no combate à intolerância de gênero e ao machismo; identificar e visibilizar todos os gêneros, inclusive os neutros; não privilegiar um determinado grupo em detrimento de outros; buscar uma reflexão sobre desigualdade de gênero em outras áreas além da língua; desencadear reflexões sobre a desigualdade de gênero para além da linguagem. Afinal, as palavras trazem consigo histórias de formações sociais, por isso usar uma linguagem neutra e inclusiva é mais do que apenas mudar ou inserir palavras. É uma mudança de perspectiva.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. . cap. 20, p. 277-283. Campinas, SP: Pontes, 2005[1946]
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005[1958a].
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BUTLER, Judith. **Sujeitos do sexo / gênero / desejo**”. In Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade, Rio de Janeiro, ed. 1, p. 7-47, 2003. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Judith_Butler-Problemas_de_genero.pdf. Acesso em: 12 abr.2022.
- FARACO, C. A.. **Linguística histórica**. Uma introdução ao estudo da história das línguas. Parábola, 2005.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, 1996.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e Termos**: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília: [s. n.], 2012. 1-23 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 28 mar. 2022. em: 11 abr. 2022.
- MELON, C. **Sex Education saison 3** : premières images en attendant la rentrée. avcesar.com. 2021. Disponível em: <https://www.avcesar.com/actu/id-34239/sex-education-saison-3-premieres-images-en-attendant-la-rentree.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.
- ORLANDI, E. P.. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 1994 - 2015.

ORLANDI, E. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (org.). **A escrita e os escritos**: reflexões em análise do discurso e psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento, Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 7ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2002.

PIRES, Vera Lúcia; WERNER, Kelly Cristini G. **A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste**. Programa de Pós Graduação de Letras, [s. l.], p. 145-158, 14 jul. 2007. Disponível em: <file:///home/chronos/u-003af95e81ea83246421ac5ac63c1c061093855a/MyFiles/Downloads/robertob,+ARTIGO+8.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2022.

XIMENES, S. **Minidicionário** da língua portuguesa. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro - Editora do Brasil, 2000.

SALEH, D. **Conheça quem interpretará Cal, personagem não binário de Sex Education**. Netflix Staff. Reino Unido, 2021. Disponível em: https://about.netflix.com/pt_br/news/meet-the-actor-playing-sex-educations-non-binary-character. Acesso em: 4 abr. 2022.

SANTOS, E. R.. **Sintaxe e significação**: um estudo enunciativo das orações relativas no português. UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf Acesso em: 12 abr. 2022

Segunda temporada de Sex Education estreia em janeiro na Netflix. Correio braziliense, 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/11/26/interna_diversao_arte,809102/data-de-estreia-da-segunda-temporada-de-sex-education.shtml. Acesso em: 04 abr. 2022.

Sex Educacion. Direção: Jon Jennings. Reino Unido: Eleven, 2019.

SOUZA, J. **Linguagem neutra: comunicação para combater preconceitos**. Amazonamazônia, 2021. Disponível em: <https://www.amazonamazonia.com.br/2021/06/01/linguagem-neutra-comunicacao-para-combater-preconceitos/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Xavier, M. F. e Mateus, M. H. (orgs.) 1992. **Dicionário de Termos Linguísticos**, Volume II. Lisboa: **Edições Cosmos**. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=dtlinginfo> Acesso em: 08 maio. 2022.